

# Entre a aceitação e a negação: a construção literária do negro como modelo em *O mulato*

Juliana Fillies Testa Muñoz<sup>a</sup>

## Resumo

*Aluísio Azevedo publica em 1881 o romance O mulato e inaugura o Naturalismo no Brasil (ABREU, 2013, p. 213; RIBEIRO, 1995, p. 205). A obra do autor, no entanto, pode ser considerada duplamente fundacional, ou pelo menos em uma segunda esfera igualmente fundacional, porque ela aborda e problematiza o nascimento da nação e de uma identidade que pudesse ser chamada de brasileira. Ao tratar da questão étnica nos últimos anos do sistema escravista no Brasil, o autor critica e rechaça a conduta discriminatória dos maranhenses, ao mesmo tempo em que deixa transparecer os próprios preconceitos em relação à população afrodescendente. Trata-se, portanto, de uma obra ambígua, na qual faz-se evidente o desejo de Azevedo de integrar a população negra na nação que se formava no final do século XIX e sua dificuldade em reconhecer valor na cultura afro-brasileira. O presente artigo tem como objetivo analisar a imagem do personagem afrodescendente partindo da premissa de que a alteridade e conceitos identitários sempre surgem em um contexto histórico e discursivo. Nas entrelinhas desse romance, buscaremos, assim, resposta para a caracterização ambivalente do personagem afro-americano como modelo para o futuro da nação.*

**Palavras-chave:** Aluísio Azevedo; Identidade; Estereótipos literários.

Recebido em 04 de janeiro de 2017

Aceito em 13 de julho de 2017

<sup>a</sup>Doutora em cotutela pela Universidade de Colônia (Alemanha) e pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: juliana.fillies@hotmail.com

### **O racismo científico e a questão do “branqueamento”**

No ano em que é publicado *O mulato*, a campanha abolicionista no Brasil já havia alcançado seu ápice, e algumas importantes medidas, como a Lei do Ventre Livre (1871), haviam sido aprovadas pelo governo para garantir uma abolição gradual dos escravos. Uma questão que urgia era: o que fazer com os negros uma vez que sua subalternidade não pudesse ser imposta juridicamente? Com o decorrer da campanha abolicionista no mundo, haviam surgido, assim, teorias de cunho racista que buscaram “explicar” com base na “ciência” uma suposta inferioridade natural do sujeito africano e afrodescendente. Entre elas, destacaram-se o determinismo, o positivismo e o darwinismo social. Essas doutrinas que pregavam a inferioridade genética da população negra em comparação com o genoma do indivíduo branco, tido como modelo, tiveram grande aceitação entre os intelectuais brasileiros. Segundo alguns teóricos raciais que visitaram o Brasil, como o Conde de Gobineau e Agassiz, o país estaria fadado ao subdesenvolvimento, pois, não podendo livrar-se de sua população afro-americana, seu destino seria a barbárie. Diante de um prognóstico tão pessimista, alguns propagaram o possível desaparecimento da raça negra no Brasil por meio de um processo de “branqueamento” da população. Esse processo dar-se-ia mediante a contínua miscigenação das raças. Partindo da premissa de que o sangue branco, superior e mais forte, diluiria o sangue negro, pressagiaram o fim da população negra no Brasil (LEITE, 1992, p. 30; MÉRIAN, 2008, p. 52-54; SCHWARCZ, 1993, p. 49-58; 1987, p. 23; SILVA, 2009, s. p.; VENTURA, 1987, p. 164-166). Não é à toa que nesse período personagens negros e escravos, como os que vemos nas obras de Castro Alves, dão espaço para personagens mulatos excessivamente branqueados, como encontramos nas obras de Bernardo Guimarães e também nas de Aluísio Azevedo. Segundo Brookshaw (1983, p. 42-44), o Naturalismo no Brasil pode ser visto como resultado do preconceito dos abolicionistas e representou a contraparte literária do republicanismo político e de teorias raciais. Consequência do Naturalismo, que se embasou em ditos conceitos científicos sobre a inferioridade racial do negro, foi o deslocamento do mulato para o centro da narrativa.

A teoria do branqueamento que, na ótica da elite brasileira, parecia ser o único meio de evasão do nefasto destino negro, pode ser facilmente reconhecida na caracterização do personagem Raimundo. O protagonista da obra azevediana é um mulato, fruto de um relacionamento extraconjugal entre um homem branco e uma escrava negra (relação das mais comuns no ambiente colonial e pós-colonial). Alforriado à pia, cresce fora do Brasil, onde recebe uma educação científica. Azevedo fará desse personagem, branqueado física e culturalmente, um modelo de brasileiro.

### A construção do Outro em *O mulato*

Alteridade e identidade não surgem espontaneamente em uma determinada cultura. Antes, elas podem ser vistas como resultado de um processo de inclusão e exclusão, de aceitação e negação. Segundo Hall (1996b, p. 235), a manifestação da diferença é essencial para o processo de construção de uma identidade, pois “só podemos construir significado por meio de um diálogo com o Outro”<sup>1</sup>. Segundo o autor, significados são responsáveis por darem sentido à própria identidade e por contribuírem para o surgimento de uma cultura (HALL, 1996a, p. 2). Tanto a alteridade como a identidade são, no fundo, construções dialeticamente fabricadas por meio da oposição “nós” *versus* “eles”. Destarte, quando Azevedo faz do sujeito negro o protagonista de sua obra, ele, ao criar uma imagem, está dialogando com seu Outro e está definindo e afirmando conceitos identitários. O surgimento de ditos conceitos e imagens, contudo, devem ser analisados dentro de seu contexto histórico e discursivo. Eles são reflexos de uma determinada estrutura de poder que se apropria da desigualdade social e racial para estabelecer relações de domínio e subordinação. Assim, argumenta Hall:

Precisamente pelo fato de as identidades serem construídas dentro e não fora do discurso, precisamos entendê-las como produtos de locais institucionais e históricos específicos dentro de práticas e formações discursivas específicas, por estratégias expressivas específicas. Além disso, elas surgem dentro do jogo de modalidades específicas de poder e, assim, são mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que do sinal de uma unidade idêntica e naturalmente constituída – uma identidade na acepção tradicional (ou

<sup>1</sup> O texto em língua inglesa é: “we can only construct meaning through a dialog with the Other.”

seja, uma uniformidade que tudo inclui, homogênea, sem diferenciação interna). (HALL, 1996c, p. 4, tradução nossa)<sup>2</sup>

Também para Foucault (1999, p. 71), não há uma verdade absoluta sobre os sujeitos, pois “o indivíduo é cuidadosamente fabricado em [nossa ordem social], de acordo com toda uma técnica de forças e corpos”<sup>3</sup>. Para Edward Said (1990, p. 33), a representação de uma alteridade, que ele exemplifica na criação do orientalismo pelo Ocidente, transcorre fora do sujeito representado. Ou seja, a imagem que obtemos nas obras do século XIX sobre o sujeito afrodescendente exprimem mais sobre aquele que as fabrica do que de fato algo sobre o objeto de projeção. Assim como “o orientalismo está fora do Oriente” e “depende mais do Ocidente do que do Oriente” (SAID, 1990, p. 33), podemos concluir que a caracterização do sujeito negro na obra azevediana reflete antes um desejo do autor (e com ele a classe que representa) do que algo essencialmente verdadeiro sobre a população negra.

Destarte, precisamente porque o processo de construção do Outro é ambíguo e subjugado ao jogo do poder que ele se manifesta como uma duplicidade (*doubleness*) na qual o negro pode ser apresentado como possuidor de qualidades opostas. Na literatura, não é inusitada a caracterização binária do sujeito afrodescendente como “infantil” e ao mesmo tempo “sensual”, “bárbaro” e “nobre”, “fiel” e “vilão” (HALL, 1996b, p. 229). Em *O mulato*, o autor busca realçar as qualidades do personagem afrodescendente e omitir seus defeitos. Uma leitura atenta da obra, entretanto, revela que a exaltação do mulato ocorre em detrimento de suas características negroides e, portanto, tem a função de negar seu passado negro. Observemos a descrição física de nosso herói:

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro se não foram os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica da sua fisionomia era os olhos grandes, ramalhudos, cheios de sombras azuis; pestanas eriçadas e negras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido; as sobrancelhas, muito desenhadas no rosto, como a nanquim, faziam sobressair a frescura da epiderme, que, no lugar da barba raspada, lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarela sobre papel de arroz (AZEVEDO, 2004, p. 35).

<sup>2</sup> O texto em língua inglesa é: “Precisely because identities are constructed within, not outside, discourse, we need to understand them as produced in specific historical and institutional sites within specific discursive formations and practices, by specific enunciative strategies. Moreover, they emerge within the play of specific modalities of power, and thus are more the product of the marking of difference and exclusion, than they are the sign of an identical, and naturally-constituted unity - an identity in its traditional meaning (that is, an all-inclusive sameness, seamless, without internal differentiation).”

<sup>3</sup> O texto em língua inglesa é: “the individual is carefully fabricated in [our social order], according to a whole technique of forces and bodies.”

Embora a figura de Raimundo se caracterize pelo hibridismo, notamos que o autor busca realçar os elementos caucásicos de sua gênese em detrimento das características negroides. Assim, o que se destaca no personagem são os olhos azuis, os dentes alvos, a pele suave e *transparente*. Azevedo preocupa-se em esclarecer que a pele de Raimundo, *apesar* de mulata, era fina. Raimundo é a personificação do branqueamento da população brasileira que salvaria a nação da barbárie. O protagonista não é, portanto, um mulato qualquer, ele é um sujeito que apresenta todas as características para assumir a função de modelo a ser seguido.

Para que Raimundo pudesse representar o brasileiro do futuro, não bastava, entretanto, que ele fosse geneticamente branqueado. Para que o mulato pudesse figurar como modelo, era necessário que seus costumes, sua cultura e educação fossem brancos.

O passeio à Europa não só lhe beneficiara o espírito, como o corpo. Estava muito mais forte, bem exercitado e com uma saúde invejável. Gabava-se de ter adquirido grande experiência do mundo; conversava à vontade sobre qualquer assunto; tão bem sabia entrar numa sala de primeira ordem como dar uma palestra entre rapazes numa redação de jornal ou na caixa de um teatro. E em pontos de honra e lealdade, não admitia, com todo o direito, que houvesse alguém mais escrupuloso do que ele (AZEVEDO, 2004, p. 53).

A caracterização do personagem como um homem da ciência e das letras que podia conversar sobre “qualquer assunto” é importante porque demonstra, como observa Fanon (2008, p. 34), que “quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será”. É assim, mediante a negação da cultura e do passado negro que o personagem vai sendo projetado como culto, civilizado, europeu, branco. Fazendo de Raimundo um personagem superior aos seus conterrâneos brancos, o autor sugeriu que mais importante do que a composição genética seria o meio em que o indivíduo fora criado e as influências que sofrera durante a vida. Desse modo, Azevedo postula que é possível “salvar” o Brasil da degradação racial investindo na miscigenação e na educação científica.

O personagem se distinguia da elite burguesa maranhense, profundamente criticada no romance, mas também dos poucos personagens negros aos quais Azevedo concede algum espaço narrativo. Trata-se de figuras secundárias que, quando aparecem, quase sempre exercendo funções serviçais, reafirmam o estereótipo do negro como apto somente ao trabalho braçal. Diniz (2008, p. 67) observa que as apresentações dos negros no romance são ambíguas. Ao mesmo tempo em que são apresentados como vítimas dos gananciosos escravocratas, eles são acusados de transmitirem doenças e de serem má influência para os jovens moradores da cidade. Nesse paradoxo, faz-se evidente o sentimento ambivalente de Azevedo entre a aceitação e a negação do negro.

Manuel Pescada, tio de Raimundo, mantém em sua propriedade duas criadas, Mônica e Brígida. Mônica representa a negra submissa que parece viver somente em função de seus senhores. Tendo trabalhado toda sua vida para a família Pescada, ao receber a alforria, decide permanecer servindo aos seus senhores. Por meio da história de Mônica, que teve seus filhos arrancados de seus braços e vendidos a fazendeiros do Sul, Azevedo põe em evidência a desumanidade do sistema escravagista. Ao mesmo tempo, porém, ele reafirma o estereótipo do escravo passivo, quase infantil, que se encontraria desamparado sem a proteção do tutor branco. Mônica é comparada a um cão dócil (AZEVEDO, 2004, p. 219), sempre submisso e fiel. A personagem é descrita como uma sombra para Ana Rosa. Se Azevedo instrumentaliza a figura da negra, fazendo-a vítima da instituição, ele também a desumaniza, a animaliza, a esvazia. Mônica, como todos os personagens negros no romance – exceção é o mulato Raimundo –, não tem voz. Em *O mulato* existe uma polifonia em relação às imagens projetadas dos brancos sobre os negros. Como leitores, temos a impressão de que todos os habitantes brancos da pacata São Luís têm uma opinião formada sobre a população negra, que é tratada com desprezo. Todavia, o autor nada nos revela sobre o pensamento dos negros em relação aos brancos, ou sobre eles mesmos. O narrador relata com rigor e detalhe alguns episódios de violência contra os escravos, como acontece na cena em que Domingas é castigada “com os pés no tronco, cabeça raspada, [...] mãos amarradas [...] e com as partes

genitais queimadas [...]” (AZEVEDO, 2004, p. 38). Contudo, não há interesse por parte do autor em revelar os pensamentos dos afrodescendentes. Segundo Abreu (2013, p. 166), é o silenciamento dos negros que faz a obra decair em seu apelo abolicionista. Azevedo se contém ao manifestar os sentimentos e pensamentos dos personagens afro-americanos, porque, no fundo, pouco lhe interessam. Não há em Azevedo uma empatia verdadeira pelo escravo, antes ele o instrumentaliza porque, diante dos prognósticos deterministas, vê a necessidade de integrá-lo à nação em formação. Destarte, Mérian aponta que

O romance não se interessa realmente pela verdadeira situação dos negros, nem estuda a condição do negro ou a contribuição do sincretismo na coexistência entre as sociedades de origem europeia e as sociedades de origem africana [...]. O abolicionismo não supõe o abandono da visão etnocêntrica e racista que os intelectuais “progressistas” tinham da comunidade afro-brasileira. Os personagens de cor se individualizam, assumem uma densidade psicológica e sociológica apenas quando desempenham um papel na intriga romanesca. (MÉRIAN, 2013, p. 279)

O estudioso observa que o abolicionismo pregado pelos intelectuais brasileiros não significou o fim do preconceito racial, menos ainda a ideia de que o branco continuaria ocupando o centro do poder. No entanto, afirmamos no início deste ensaio que Raimundo foi construído por Azevedo para atuar como modelo. Como um personagem não branco pode, em uma sociedade profundamente marcada pelo preconceito racial, representar o futuro cidadão brasileiro? O mulato só pode assumir esse papel porque, no fundo, tudo nele remete à raça branca: sua cultura, sua educação, seus costumes, seu trajar e, inclusive, seus traços físicos mais marcantes, como são os olhos azuis. Raimundo, de fato, era branco. Tanto é isso verdade que Raimundo, ao descobrir seu passado e a razão do tratamento hostil de seus compatriotas para com ele, se detém diante de um espelho e se examina com atenção “procurando descobrir no seu rosto *descorado* alguma coisa, algum sinal, que denunciasse a raça negra” (AZEVEDO, 2004, p. 181, grifo nosso). O protagonista, que crescera na Europa, entre brancos, nunca cogitara a possibilidade de não pertencer ao grupo dominante. Assim, essa descoberta lhe fere profundamente a alma, pois, podendo escolher, Raimundo teria optado por ser

branco cultural e geneticamente. O herói, ainda que moderno e abolicionista, não é um personagem revolucionário. Ao descobrir que Manuel Pescada não lhe concede a mão da filha por causa de sua origem negra, Raimundo não parece criticar a conduta preconceituosa do tio, antes ele afirma que, se pudesse mudar seu destino, transformar seu sangue negro em branco, o faria:

Se me dissessem: “É porque é pobre!”, que diabo! Eu trabalharia! Se me dissessem: “É porque não tem uma posição social!” Juro-te que a conquistaria, fosse como fosse! “É porque é um infame! Um ladrão! um miserável!” Eu me comprometeria a fazer de mim o melhor modelo dos homens de bem! Mas um ex-escravo, um filho de negra, um mulato! E, como hei de transformar todo meu sangue, gota por gota? Como hei de apagar a minha história da lembrança de toda esta gente que me detesta?... (AZEVEDO, 2004, p. 214).

Mais uma vez a imagem do negro passivo, melancólico e submisso é reafirmada no romance. Raimundo não tem consciência da própria alteridade, como poderia ter orgulho da origem negra? Se os afrodescendentes no século XIX nasciam e cresciam sob o jugo físico e psicológico da opressão branca, se a verdade que lhes era inculcada era que o sangue negro era uma mácula, como esperar outra reação de nosso herói? O desabafo do personagem serve como exemplo para a afirmação de Fanon (2008, p. 27), para quem “o negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano.” A representação do sujeito afrodescendente como apático e impotente contribuiu, assim, para sua caracterização como recipiente profícuo do sangue branco.

Raimundo é o oposto dos demais personagens, figuras da sociedade maranhense que Azevedo buscou caricaturar em seu romance. O protagonista é culto, honesto e acredita mais na ciência do que na religião. Por meio do contraste, o autor evidencia tudo o que há de mais desprezível na sociedade maranhense e aponta para a possibilidade da mudança, manifesta na pessoa de Raimundo. Todavia, o herói está fadado a morrer. Por que isso ocorre? Segundo Mérian, a morte do mulato era inevitável, porque ele desestabilizava a ordem vigente e colocava em perigo a protegida estrutura patriarcal que sustentava o atraso da sociedade maranhense. Segundo o autor,

Raimundo representa vários perigos para esta sociedade. Perigo para o *status quo* racial fundado na dominação de brancos, principalmente numa época em que os fazendeiros sentem que estão perdendo o poder econômico em benefício dos cafeicultores do Sul. *O Mulato* desmente de maneira fulgurante as justificações da segregação racial por suas qualidades humanas e suas possibilidades de ascensão social. Perigo no campo ideológico e político: nessa sociedade escravocrata, monarquista e católica, Raimundo – que possui uma sólida formação positivista – professa ideias republicanas e defende veementemente a abolição da escravatura. No campo espiritual, Aluísio Azevedo faz dele o protótipo do brasileiro culto, aberto para novas ideias. Perigo no âmbito da família, na medida em que ele corresponde ao modelo pregado por revistas e romances europeus. É a tentação das mulheres e rival dos homens, mesmo sem querer: por suas qualidades pode atrair o olhar das moças e colocar em perigo o edifício social e econômico cuja continuidade repousa sobre a “virtude” das mulheres e sua obediência ao pai e à Igreja. (MÉRIAN, 2013, p. 252)

Partindo de um ponto de vista determinista, o personagem não tinha como sobreviver, pois todas as relações de força lhe eram desfavoráveis. Ainda segundo Mérian (2013, p. 256), no romance é explícita a influência da teoria de Darwin sobre a adaptação do ser vivo ao ambiente. Raimundo, sendo o elemento desviante, não é capaz de se integrar ao meio em que vive e é expelido por ele. Para o desfecho do romance, somente duas possibilidades seriam viáveis: o protagonista abandona o grupo e deixa São Luís ou ele morre. Sendo *O mulato* uma obra naturalista que, no entanto, apresenta um enredo romântico, a permanência de Raimundo na cidade tem a função de manter a tensão narrativa por meio do amor inalcançável entre Ana Rosa e o primo. A ideia de que a morte de Raimundo é consequência dos determinismos sociais é sustentada também por Cruz (2006, p. 241), para quem a morte do protagonista não pode ser interpretada como uma morte romântica, antes ela é a expressão das ideias deterministas e fatalistas do Naturalismo e das leis sociais.

Para Flora Süssekind, todavia, a morte de Raimundo parece ter um valor simbólico. Segundo a autora, o falecimento do personagem pode ser considerado “a própria interpretação racial do destino das populações de cor” (SÜSSEKIND, 1982, p. 69). Recordamos que Azevedo, como grande parte dos intelectuais no século XIX, acreditava nas novas ideias racistas

que, alegando embasar-se na ciência, pregavam a inferioridade genética da raça negra e o seu inevitável desaparecimento por meio da mestiçagem. Desse modo, Sússekind aponta para a morte de Raimundo como elemento alegórico que representa o futuro racial dos sujeitos afrodescendentes em solo brasileiro. Por meio do contínuo clareamento, a população negra – e com ela sua cultura e costumes – estaria fadada ao pleno desaparecimento, isto é, à morte. Não surpreende, portanto, que além do assassinato do mulato, presenciemos o aborto de Ana Rosa, que carregava no ventre o filho de Raimundo.

Ambas as interpretações, contudo, apontam para a inevitabilidade da morte do personagem. Raimundo tinha que morrer. Em uma sociedade imbuída de preconceitos e injustiças, mesmo o “homem ideal”, representante da ciência e da razão, termina por sucumbir sob o olhar mesquinho da viciada sociedade maranhense. No entanto, uma passagem do romance deixa em aberto uma questão: e se a trama tivesse ocorrido em uma sociedade moderna e desenvolvida como no Rio de Janeiro? Observemos as palavras do protagonista:

Mas, no fim de contas, refletia Raimundo em um retrocesso natural de impressões, que diabo tinha ele com tudo isso, se até aí, na ignorância desses fatos, vivera estimado e feliz!... [...] O Rio de Janeiro lá estava a sua espera!

Abriria, ao chegar lá, o seu escritório, e, ao lado da mulher com quem casasse e dos filhos que viesse a ter, nem sequer havia de lembrar-se do passado!

Sim, que mais poderia desejar melhor?... Concluía os estudos, viajara muito, tinha saúde, possuía alguns bens de fortuna. Era caminhar pra frente e deixar em paz o tal passado! O passado, passado! Ora, adeus! (AZEVEDO, 2004, p. 36).

Azevedo nascera em São Luís, mas aos 19 anos se mudou para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como caricaturista para os jornais *O Mequetrefe*, *Fígaro* e *Zig-Zag* (PRECIOSO, 2011, p. 4). Para Azevedo, o “Rio de Janeiro é o Brasil” (AZEVEDO, 2004, p. 22). A capital representa a modernidade e serve em *O mulato* como contraste positivo para a atrasada e fútil São Luís. Na corte, tudo seria diferente. No mundo moderno, ninguém se importava com o passado, com a ascendência racial. Todos pensavam no futuro, no desenvolvimento do país. Essa talvez seja a principal mensagem de Azevedo, deixemos o passado –

isto é, a escravidão e o atraso – para trás e pensemos no futuro, que deve ter como base a educação, a ciência e o progresso.

### Considerações finais

O romance que inaugura o Naturalismo no Brasil foi uma obra tão polêmica, que o autor teve de deixar a cidade temporariamente por temer a reação dos leitores maranhenses (MAROTTI, 1982, p. 67). Nesse romance, de enorme importância para a história da literatura brasileira, Azevedo expõe os vícios dos maranhenses e deixa para a posteridade seu retrato da sociedade no século XIX. Ao mesmo tempo, o autor constrói a imagem de um Outro que serve como modelo para a formação do povo brasileiro. O mulato é apresentado como via de escape para a conjectura pessimista de teóricos sociais. Porém, a miscigenação defendida por Azevedo não pode ser vista como uma transculturação na qual o efeito final seria um sujeito híbrido que apresentasse, em proporções similares, elementos da raça e da cultura branca e negra. Antes, o que aqui se propõe é a aculturação do negro, a absorção de tudo o que o define e o desaparecimento do afrodescendente no Brasil. O herói da trama representa, no fundo, os valores da civilização branca e, precisamente por esse motivo, pode atuar como modelo a ser seguido. Desse modo, ao instrumentalizar a figura do negro em seu romance, Azevedo, como escritor branco que tem o poder material e simbólico para representar, negou a natureza do negro para exaltar a branca. Assim fazendo, ele afirmou e perpetuou estereótipos negativos que marginalizaram os negros e afrodescendentes. Ao mesmo tempo, a cultura ocidental foi se estabelecendo no centro e se tornou parâmetro de referência para as normas de nossa sociedade e para a afirmação de nossa identidade. A análise de obras literárias, em especial daquelas pertencentes ao cânone da história da literatura brasileira, pode revelar o processo histórico da construção do Outro na cultura brasileira. Autoimagens e heteroimagens não surgem naturalmente em uma sociedade, antes elas devem ser vistas como resultados de um processo de construção onde o poder desempenha um papel central. A fabricação da imagem do “Outro” é um processo complexo que tange os desejos, medos e ansiedades mais profundos do ser humano. O intelectual brasileiro, ansiando por afirmar

a própria identidade após anos de colonização, apropria-se e deforma a imagem do Outro. Para Foucault (1999, p. 71), “[...] os circuitos de comunicação são os suportes de uma acumulação e uma centralização do conhecimento; o jogo de signos define as ancoragens do poder”<sup>4</sup>. Com Foucault, partimos da premissa de que a obra literária, como meio de comunicação, contribuiu mediante o conhecimento e o poder para a formação e fixação dessas imagens e, conseqüentemente, para o estabelecimento de conceitos identitários em nossa sociedade. Desse modo, podemos – e devemos – acercar-nos de obras tidas historicamente como fundacionais, mantendo-nos atentos para as relações de poder e de domínio e para as construções simbólicas inerentes a essas obras.

## REFERÊNCIAS

ABREU, J. A. C. D. de. *Os abolicionismos na prosa brasileira*: de Maria Firmina dos Reis a Machado de Assis. 2013. 472 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/23777/1/Os%20Abolicionismos%20na%20Prosa%20Brasileira.pdf> Acesso em: 12 dez. 2016.

AZEVEDO, A. *O mulato*. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004. (Série Clássicos da nossa língua).

BOSI, A. *A dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BROOKSHAW, D. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. Série novas perspectivas.

CRUZ, L. C. dos S. O Fazer Naturalista em *O mulato*, de Aluísio Azevedo. *Manuscrita*, São Paulo: n.14, p. 237-243, dez. 2006.

DINIZ, L. M. V. *Nas linhas da literatura: um estudo sobre as Representações da escravidão no romance O mulato*, de Aluísio Azevedo. 2008. 146f. Tese (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, M. Panopticism. In: EVANS, J; HALL, S. (Ed): *Visual culture: the reader*. London, Thousand Oaks, New Delhi: SAGE publications, 1999, p. 61-71.

<sup>4</sup> O texto em língua inglesa é: “[...] the circuits of communication are the supports of an accumulation and centralization of knowledge; the play of signs defines the anchorages of power.”

HALL, S. Introduction. In:\_\_\_\_\_. (Ed.): *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London (et. al.): SAGE Publications, 1996a, p. 1-12.

\_\_\_\_\_. The Spectacle of the 'Other'. In: \_\_\_\_\_. (Ed.): *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London (et. al.): SAGE Publications, 1996b, p. 223-291.

\_\_\_\_\_. Introduction: Who needs 'Identity'? In: \_\_\_\_\_. (Ed.): *Questions of Cultural Identity*. London (et. al.): SAGE Publications, 1996c, p. 1-17.

LEITE, D. M. *O caráter nacional brasileiro*. História de uma ideologia. 5. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

MAROTTI, G. *Il negro nel romanzo brasiliano*, Roma: Bulzoni editore, 1982.

MÉRIAN, J. Y. *Aluísio Azevedo*. Vida e obra (1857-1930). Trad. Claudia Poncioni. 2. ed. Rio Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Garamond, 2013.

\_\_\_\_\_. O negro na literatura brasileira *versus* uma literatura afro-brasileira: mito e literatura. *Navegações*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 50-60, mar. 2008.

MOURA, M. de S. *A dupla marginalidade de Cruz e Souza*. Frente à sociedade branca e à racionalidade positivista. 1997. 127f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

PRECIOSO, D. História e ficção no romance *O mulato* de Aluísio de Azevedo: aspectos das relações "raciais" em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX. *Revista História em Reflexão*, Dourados, v. 5, n.10, pág. 1-16, jul./dez. 2011.

RIBEIRO, M. A. *Literatura brasileira*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

SAID, E. W. *Orientalismo*. O oriente como invenção do ocidente. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças*. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SILVA, L. F. da. O mestiço na construção da identidade cultural latino-americana. As diferenças entre o Brasil e a Argentina. Trabalho apresentado na XI Jornada Multidisciplinar: Corpo e Cultura, 2009, Bauru. Inédito. Disponível em: <<http://www.lamericas.org/arquivo/corpoecultura.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

SÜSSEKIND, F. *O Negro Como Arlequim*. Teatro & Discriminação, Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

VENTURA, R. *Escritores e mestiços em um País Tropical*. Literatura, historiografia e ensaísmo no Brasil. Nürnberg: Wilhelm Fink Verlag, 1987.

## Abstract

### **Between Acceptance and Denial: The Literary Construction of the Negro as a Model in *O Mulato***

*Aluísio Azevedo publishes the novel O mulato in 1881 and inaugurates Naturalism in Brazil (ABREU, 2013, pp. 213; RIBEIRO, 1995, pp. 205). However, Azevedo's work can be considered doubly foundational, or at least, at a second sphere equally foundational, for it approaches and problematizes the birth of the nation and of an identity which could be called Brazilian. While the author approaches the ethnic question in the final years of the slave system in Brazil, he criticizes and rejects the prejudiced behavior of the people from Maranhão. At the same time, one perceives his own prejudices toward the Afrodescendants. It is, therefore, an ambiguous work: On one side, Azevedo desires to integrate the black population into the nation that was forming during the late nineteenth century. On the other side, his difficulty in recognizing value in the Afro-Brazilian culture is evident. The present article has as its purpose to analyze the image of the Afrodescendant character, starting from the premise that the alterity and identity concepts always arise in a historical and discursive context. Between the lines of this novel, we will thus seek an answer to the ambivalent characterization of the African-American character as a model for the future of the nation.*

**Keywords:** *Aluísio Azevedo; Identity; Stereotypes in the literature.*